

Plenário continua sem quorum

Josemar Gonçalves



A falta de quorum pela quarta vez consecutiva fez Ulysses suspender a sessão da Constituinte

“Constituintes têm ojeriza ao trabalho”



Como estava previsto desde a semana passada, após a aprovação do presidencialismo e do mandato de cinco anos para

o Presidente da República, não houve quorum na sessão de ontem da Constituinte que permitisse que se continuasse a votação do capítulo sobre o sistema de Governo. Apenas 159 parlamentares estavam em plenário quando o presidente da Assembleia determinou a verificação de quorum.

O presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, repetiu ontem ao plenário que a Mesa está examinando várias sugestões para resolver o problema da falta de quorum nas sessões. A solução mais viável, segundo integrantes da Mesa, será a de se estabelecer algum tipo de punição para os constituintes faltosos.

Antes, no entanto, a sessão serviu para os parlamentares presentes irem à tribuna para fazer suas habituais denúncias, lamúrias e justificativas. Os deputados Fernando Lyra e Cristina Tavares, do PMDB de Pernambuco, aproveitaram para comunicar o desligamento de ambos do partido, na presença do deputado Ulysses Guimarães, que presidiu uma sessão vazia, só para ouvir os dois parlamentares.

O deputado Amaral Netto (PDS-RJ) insistiu em que o seu partido não participará do bloco parlamentar de sustentação ao Governo. Apesar de a maioria da bancada ter votado no mandato de cinco anos para o Presidente e no sistema presidencialista, Amaral Netto garantiu que “o Governo está morto e o PDS não está aqui para carregar defunto”. As 16h10, a sessão foi melancolicamente encerrada.

São Paulo — A Assembleia Nacional Constituinte tem ojeriza ao trabalho, tem uma condescendência carinhosa com o prisioneiro e tem ainda horror ao capital estrangeiro e ao empresário. Essa constatação é do deputado federal Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), um dos líderes do Centrão. Assim, Cardoso Alves acredita na continuidade do Centrão, que é um posicionamento ideológico de pessoas que “não querem a demagogia, nem as concessões desesperadas feitas pelos radicais de esquerda, que vão acabar inviabilizando a empresa brasileira”.

Criticando o Partido dos Trabalhadores, Cardoso Alves

defende a permanência da empresa estrangeira no Brasil: “O País é pobre e precisa se desenvolver. Somente assim os trabalhadores terão padrões de vida mais dignos e mais humanos. Tirar a indústria automobilística ou a Rhodia, acabam-se o ABC, o Vale do Paraíba e Guarulhos”.

Excessos

Por esse motivo, Cardoso Alves afirma que o Centrão continuará existindo: “Nós combatemos fundamentalmente três coisas: a ojeriza que a Constituinte tem ao trabalho; a condescendência carinhosa que ela tem para o prisioneiro, a ponto de ter proibido o trabalho remunerado nas pe-

nitenciárias, e o horror que a Constituinte tem ao capital investidor, horror ao empresário. E, se o capital é estrangeiro, tem horror-pânico, tem ódio. Não podemos ser assim”.

Mas, Roberto Cardoso Alves esteve ontem no Palácio dos Bandeirantes para pedir o apoio do governador Orestes Quércia a sua candidatura à Presidência da Câmara dos Deputados. Pela Constituição em vigor e de acordo com o texto já aprovado pela Constituinte, o deputado Ulysses Guimarães é inelegível, motivo pelo qual Cardoso Alves se propõe a disputar o cargo.

Lysâneas quer veto à fala de militar

O deputado constituinte Lysâneas Maciel (PDT-RJ), já colheu 110 das 187 assinaturas necessárias à formalização de projeto de decisão vedando aos militares pronunciamentos políticos.

Lysâneas argumenta que os seguidos pronunciamentos de militares nas últimas semanas têm pressionado a Assembleia Nacional Constituinte e influído em suas decisões. O deputado pelo Rio de Janeiro entende que, faltando votar o papel dos militares na futura Constituição, a anistia, a duração do mandato do presidente Sarney, e, conseqüentemente, a data das próximas eleições diretas, sem falar na votação dos orçamentos militares, torna-se indispensável que o mecanismo de pressões seja bloqueado, ao menos sob a forma de manifestações públicas, sob pena de a Constituinte sofrer limitações em sua soberania, que não se harmoniza com um sistema democrático de Governo.

Lula ainda espera vitória dos 4 anos

São Paulo — O líder do PT na Constituinte, Luís Inácio Lula da Silva, acredita que o mandato do presidente Sarney será mesmo de quatro anos. “Não acredito que os cinco anos já estejam configurados e chego a duvidar que dê cinco anos para Sarney”, disse Lula. Ele está apostando na pressão popular, através de comícios. Lula descarta completamente a possibilidade de pressão de governadores do PMDB e dos militares, na tentativa de garantir cinco anos de mandato. “Corrupto não precisa de pressão da sociedade”, argumentou Lula.

Já o deputado constituinte Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP) acredita na pressão dos militares e de alguns membros do PMDB. Mesmo assim, está otimista quanto à aprovação de quatro anos de mandato.

Outro constituinte petista que está apostando no sucesso da pressão popular é o deputado José Genoíno (PT-SP). Mas, ele acredita que o principal obstáculo aos quatro anos é a pressão da alta cúpula militar embora pense que, nessa situação de crise nacional, os militares não têm condições de dar um golpe.

E o senador Servero Gomes (PMDB-SP) acredita que a aprovação de quatro anos para Sarney será difícil, pois a vantagem obtida pelos cincoanistas na primeira votação foi muito grande. Severo concorda com Lula a respeito da pressão militar. “Não houve nenhuma pressão, mas sim um tipo de manobra de favorecimentos e vantagens.